

Apresentação

Por uma alvorada da História Econômica da Antiguidade: fontes literárias e Economia Antiga

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.55914>

Até o final dos anos de 1980, a História Econômica tinha um papel de destaque na historiografia; mas, pouco a pouco, os estudos nessa área foram diminuindo ao ponto de se tornarem raros na academia e o forte desinteresse por essa área causou danos, sem dúvidas. No entanto, hoje, devido à aproximação com a Arqueologia, Antropologia, Sociologia, Direito, Literatura e devido também ao legado da História Cultural, os estudos de História Econômica paulatinamente retomam o fôlego sob uma nova roupagem. Nós, estudiosos do Mundo Antigo, voltamo-nos para o nosso *corpus* documental e percebemos que ainda há muito o que se fazer. A História Econômica e Social da Antiguidade é, portanto, um ramo das ciências humanas com potencial crescimento por conta dos avanços analíticos, da descoberta e releitura das fontes e das novas demandas do nosso tempo numa relação de *allelupoiesis*¹. Retomando como justificativa a frase icônica de Benedetto Croce: *ogni vera storia è storia contemporanea* “toda verdadeira História é História contemporânea”, em outras palavras, o estudo da Antiguidade é, sobretudo, o estudo de nós mesmos e nesse sentido, disciplinas como Literatura, História e Economia têm um papel primordial no quadro analítico dessa interação entre passado e presente. O presente dossiê tem o objetivo de desvelar um olhar sobre essa nova alvorada, dando destaque à riqueza desse diálogo interdisciplinar entre Literatura, História e Economia voltado para o Mundo Antigo. Dessa forma, convém, inicialmente, estabelecer a nossa

¹ *Allelopoiesis* é um neologismo formado por duas palavras gregas *allelon* (recíproco) e *poiesis* (criação), e tem por objetivo demonstrar que o presente também é capaz de mudar nossa percepção sobre o passado. O conceito coloca em destaque a reciprocidade das temporalidades. Sobre a aplicabilidade do conceito de *allelupoiesis*, ver: FAVERSANI, F.; JOLY, F. (2021). *Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis*, *Phoenix*, 27-2, p. 97-110.

compreensão de literatura para o estudo da História e Economia, mais especificamente da economia antiga mediterrânea.

No que se refere à compreensão de literatura, os trabalhos são numerosos e o terreno é espinhoso. Para nós, historiadores, a visão de literatura como restrita à poesia, ao romance e ao teatro é demasiada reducionista. Nesse sentido, seguimos os pressupostos de Antoine Compagnon: a literatura é tudo aquilo que é impresso (ou mesmo escrito), que chegou até nós por meios manuscritos. Dessa forma, adotamos uma compreensão mais ampla de literatura, partindo do princípio de que todos os livros de uma biblioteca são literatura,² sejam eles epistolares, líricos, historiográficos, biográficos, jurídicos etc. Apesar da nossa eterna reclamação de falta de fontes, há muitos textos literários antigos – ainda mais da época romana – que nos possibilitam impulsionar e renovar os estudos em História Econômica, sobretudo se forem lidos de modo interdisciplinar e em diálogo constante com a Cultura Material.

Quanto ao termo economia, muito embora tenha visto a luz do dia na Antiguidade,³ hoje, o modo de compreendê-lo mudou muito e alguns historiadores chegam até a defender que não havia uma economia no Mundo Antigo. Seria necessário o espaço de um artigo para desenvolver o tema relacionado ao conceito de economia para os antigos, haja vista a exigência do rigor epistemológico e dos últimos debates historiográficos. Apesar disso, vamos apresentar de forma breve a nossa compreensão desse conceito que, assim como a nossa noção de literatura, é bastante ampla e não parte de uma visão reducionista de economia somente enquanto relações de mercados interconectados (pois seria exigir muito da Antiguidade) como defendera M. Finley em sua *Economia Antiga*⁴; pelo contrário, compreendemos a economia enquanto todo sistema que envolva a sociedade em relações produtivas, em relações de distribuição e consumo de bens voltados ao bem-estar e à própria sobrevivência do homem em sociedade. Sendo assim, toda relação que envolva os conceitos de produção, distribuição, compra, venda, gestão, lucro, preço, moeda, crédito, oferta versus demanda, entre outros, é uma relação econômica. Este dossiê, portanto, é um espaço que apresenta artigos que propõem uma reflexão sobre aspectos econômicos específicos na literatura antiga, de qualquer gênero.

No estudo da economia grega e romana, como no estudo de outras civilizações, tudo o que se refere à produção, ao comércio, ao crédito, etc. se apresenta para nós de maneira obscura, e isto impede que se tenha uma visão nítida dos elos que ligam entre si estes fenômenos de aparência heterogênea. Na documentação antiga, as informações quantitativas são raras, as informações qualitativas são fragmentadas e, muitas vezes, insuficientes para fornecer um quadro completo e detalhado do movimento econômico. As fontes ditas “da vida prática”, ou seja, os arquivos financeiros, tabuinhas de banqueiros, etc.,

² COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie : littérature et sens commun*. Paris: Éditions du Seuil, 1998. p. 32.

³ Economia é uma palavra de origem grega composta por *oikos*, “casa ou unidade doméstica”, e da raiz semântica *nem* -, aqui no seu sentido de “regulamentar, administrar, organizar”. Para Finley, em sua *Economia Antiga*, a raiz semântica *nem* é muito complexa, portanto, a tradução é aproximativa. Ver FINLEY, Moses I. *The ancient economy*. London: Chatto & Windus, 1973. p. 18.

⁴ Moses Finley e seus seguidores durante muito tempo advogaram de modo contundente pela não existência de uma “Economia Antiga”, eles estavam imbuídos em questões relativas à possibilidade ou não da Antiguidade ter vivido o processo de Revolução Industrial. Esses questionamentos, que datam do século XIX, oriundos da famosa controvérsia Bucher-Meyer ficaram conhecidos pejorativamente como a querela dos “primitivistas e modernistas”. Ver : TRAN, Nicolas. *Ecrire l'histoire des économies antiques : la controverse entre « primitivisme » et « modernisme », et son dépassement*. In : PIERRE, B. ; OULHEN, J. ; PROST, F. (dir.). *Économie et Société en Grèce Antique (478 – 88 av.J.-C.)*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2007. p. 13-28 ; e ANDREAU, Jean. *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses, 2010.

desapareceram em sua maioria. Os preços, por exemplo, são um dos aspectos econômicos mais difíceis a serem estudados, por causa, substancialmente, da falta de documentação quantitativa.⁵

Nas fontes transmitidas, que são tributárias dos contextos nos quais foram concebidas e conhecidas, cada personagem deixou nos seus testemunhos um pouco de seus pré-conceitos, que são variáveis segundo a condição política, o tempo, o espaço, o sistema filosófico e as referências culturais em que estava inserido. O importante é que todos estes pré-conceitos permitem conhecer alguns elementos da mentalidade de certo grupo social (aquele que produziu a fonte em questão) e oferecem uma ideia mais precisa das relações sociais estabelecidas entre os diferentes grupos, embora a visão das elites seja a mais repercutida nas fontes literárias antigas.⁶

Os antigos não escreveram reflexões gerais sobre a economia (se escreveram, estas não chegaram até nós). A formação do homem mediterrânico, em especial o grego e o romano, estava mais voltada para a retórica, a filosofia, a história, a literatura e para a filologia. Teorizar sobre preço, venda, contabilidade e comércio não era uma prioridade dos antigos. Por isso, toda documentação que apresenta conceitos e experiências econômicas chegou até nós de modo indireto, por meio de alusões, metáforas, julgamentos morais, etc. Nesse sentido, reforçamos que todo e qualquer texto antigo pode apresentar importantes informações sobre a economia no Mundo Antigo, basta um olhar atento e treinado.

São estes os pressupostos que guiaram este dossiê, que apresenta estudos pontuais que demonstram a potencialidade de se escrever História Econômica e Social por meio da literatura antiga da Bacia Mediterrânica e do Egito Antigo.

Abrimos o dossiê com o artigo intitulado “História Antiga e História Econômica: Estudos acerca da relação economia e sociedade no Egito Faraônico” de autoria de Érica Cristhyane Morais da Silva. A partir da análise de documentação papirológica, a autora apresenta as características da economia egípcia no período faraônico, com foco no papel do transporte, tanto no que diz respeito às atividades econômicas principais, como a agricultura, a atividade pesqueira e a produção têxtil, mas também sua relação com a religião e as organizações militares. Nesse sentido, Érica da Silva discute o papel fundamental do Rio Nilo em todas essas atividades, demarcando como o dinamismo da sociedade egípcia se estruturava em sua relação com as águas. Nesse cenário, a autora discute ainda o papel das chamadas “mulheres timoneiras” e a importância dessas figuras para compreender não só o papel da mulher na sociedade egípcia, de modo geral, mas, principalmente, o seu papel econômico. Um caminho de estudo que busca alargar a análise para contemplar mulheres de todos os grupos sociais e não apenas aquelas que pertenciam à elite.

A partir da comparação entre a *Ilíada* e a *Odisseia* e a *Epopéia de Gilgamesh* e o *Conto de Adapa*, o artigo intitulado “Hospitalidade e Literatura no Mundo Antigo” de autoria de Alexandre Galvão Carvalho, Carina Sucro Moraes Galvão Carvalho e Luana Teixeira Barros discute a hospitalidade a partir dos conceitos de dom e contra dom, concomitante aos conceitos de identidade e alteridade nas sociedades

⁵ Esses pressupostos foram retomados de um artigo antigo - e um pouco defasado - de 2010, mas que ainda são atuais refletir sobre essa questão específica da economia antiga: GAIA, Deivid Valério. Questões para o estudo da Economia Antiga: notas para uma discussão. *Mare Nostrum*, vol. 01, 2010.

⁶ Esse tema foi discutido mais detidamente em: GAIA, Deivid Valério. Profissionais das finanças na Antiguidade Romana: os *faeneratores* no final da República e no início do Império. *História Unisinos*, vol. 22, n. 4: 651 – 660, 2018.

grega e mesopotâmica. Os autores apresentam a temática da hospitalidade nos poemas homéricos e discutem as relações de dom e contra dom a partir das situações cantadas pelo *aedo*. Essa mesma operação é realizada na análise dos épicos e contos mesopotâmicos supracitados. Alexandre Carvalho, Carina Carvalho e Luana Barros constroem a comparação de modo bastante eficaz, argumentando que os autores das epopeias se valiam, livremente, cada um à sua maneira, das características de suas culturas para criar uma narrativa literária própria, costurada por uma lógica particular. Nesses diferentes contextos, a hospitalidade aparece como fenômeno interessante e importante para analisar as diversas esferas nessas sociedades, inclusive a econômica.

Com o objetivo de discutir as características da economia rural romana entre os séculos II a.C. e I d.C., o artigo intitulado “O papel da produtividade nas operações agrícolas da *uilla*: um estudo do aspecto econômico dos tratados de Catão, Varrão e Columella”, de autoria de Deivid Valério Gaia e Fabiana Martins Nascimento, apresenta a centralidade da agricultura na sociedade romana: desde pilar fundamental na construção da moral, passando por seu papel de distinção social, até sua articulação como atividade econômica primária; aglutinando papéis e significados. Os autores defendem que, apesar da agricultura estar inserida nas bases dos costumes romanos, essa atividade não estava limitada a subsistência e a autossuficiência características das descrições de um passado rural idealizado, no qual o *uir bonus* cultivava com a família seu lote de terra. A preocupação de Catão, Varrão e Columella, no que diz respeito à produtividade das propriedades agrícolas, demonstra a importância do papel econômico da agricultura e a complexidade das relações de produção a época, conforme defendem os autores.

Privilegiando a importante temática das mulheres escravas na sociedade romana, o artigo intitulado “A *uilica* entre fontes literárias e epigráficas: desvelando mulheres escravas em posições de chefia no mundo rural romano”, de autoria de José Ernesto Moura Knust, discute o papel da *uilica* na dinâmica da *uilla*, um tipo de agente escrava da estrutura produtiva rural, como exemplo da necessidade de se ampliar as metodologias de análise da documentação literária, bem como de articulá-la a outros tipos de documentação, nesse caso a epigráfica. Usualmente caracterizada como esposa do *uilicius*, outro tipo de agente escravo dessa mesma estrutura, o autor defende que a *uilica* pode ser compreendida de formas diversas, tanto pela análise da documentação epigráfica, quanto pela análise da documentação literária fundamentada em uma metodologia de leitura cada vez mais preocupada com questões contextuais, ideológicas etc. O artigo de Knust demonstra que é preciso constantemente ajustar as lentes para um estudo mais extenso da economia antiga e dos agentes que a compõem.

Preocupado em discutir um tipo específico de atividade agrícola na sociedade romana, a chamada *pastio uillatica*, o artigo intitulado “A *Pastio Villatica* no *Rerum Rusticarum* de Varrão: entre a economia e competição aristocrática”, de autoria de Helton Lourenço Carvalho, apresenta a principal corrente teórico metodológica para a análise da economia antiga da atualidade e propõe suas possibilidades e limites para compreender a atividade agrícola supracitada no quadro socioeconômico analisado. O autor defende que, além de uma atividade econômica, a *pastio uillatica* também pode ser compreendida como uma atividade que se relacionava aos objetivos sociopolíticos daqueles que a praticavam. Sendo assim, o tratado de Varrão serviria para analisar não apenas as ideias econômicas de seu período de composição, mas também as ideias políticas. O artigo expõe contígua relação entre a economia e as demais esferas da sociedade.

Por meio da análise das *Geórgicas*, de Virgílio, o artigo intitulado “A vida rural em disputa com o lucro: notas sobre as percepções éticas do trabalho agrícola nas *Geórgicas* de Virgílio”, de autoria de

Alexandre Cozer e Renata Senna Garrafoli, analisa a forma como o autor se utiliza de discursos sobre o meio rural tanto para expressar ideias sobre as práticas agrícolas quanto para expressar ideais morais romanos. Focando especificamente sobre a questão do trabalho no campo, os autores defendem que Virgílio cria uma imagem própria do camponês e de sua relação com a terra. Cozer e Garrafoli, apresentam uma argumentação importante e muito pertinente sobre a complexidade do cenário rural na perspectiva do autor, que opõe, como o título precisamente propõe, ideias diferentes da exploração agrícola, a saber, busca pelo lucro *versus* a exploração da terra focada na subsistência do camponês. Dessa forma, o artigo contribui para se compreender as ideias sobre a economia no período em articulação com ideais morais também presentes no pensamento romano.

Refletindo sobre o papel da documentação jurídica para a análise da vida econômica e financeira, a partir de questões metodológicas, o artigo intitulado “A literatura jurídica e apontamentos para a escrita da História Econômica e Financeira romana: considerações metodológicas”, de autoria de Deivid Valério Gaia e Ian Ferreira Bonze, apresenta uma importante discussão sobre a necessidade e os desafios de se voltar para esse tipo de documentação tão pouco estudada e tão promissora para a renovação dos estudos na área. O artigo de Gaia e Bonze contribui para delinear, sobretudo, os cuidados necessários ao se analisar a documentação jurídica, que deve, defendem os autores, se concentrar, sobretudo, na atenção aos seus contextos de produção. A partir do estudo de casos selecionados, os autores demonstram como a mobilização de fontes jurídicas é fundamental para se refletir sobre aspectos e operações econômicas específicas, como, por exemplo, o papel da mulher na esfera econômica. A interdisciplinaridade com o direito se mostra, portanto, como um caminho frutífero para o estudo da economia antiga.

Concentrando-se em uma apresentação muito completa a respeito da pobreza na Antiguidade Tardia, o artigo intitulado “Aspectos da pobreza na cidade pós-clássica: as Homilias de João Crisóstomo como fonte para a História Social de Antioquia”, de autoria de Gilvan Ventura da Silva, discute a importante relação entre a cidade antiga e essa condição em particular. A partir de passagens selecionadas das extensas obras de João Crisóstomo, o autor discute como o pregador se vale de questões cotidianas para construir seus sermões, sendo a pobreza um exemplo importante de temática abordada. Ventura defende que as pregações de Crisóstomo constituem documento fundamental para compreensão do cenário social da cidade de Antioquia. A pobreza é abordada como um processo social e, nesse sentido, o artigo demonstra a complexidade da cidade antiga e as diferentes condições dos indivíduos que a compunham, bem como a forma como essas condições eram compreendidas à época.

Encerramos o dossiê com o artigo intitulado “Economia romana, discussões antigas e a Arqueologia”, de autoria de Paulo Pires Duprat e Pedro Paulo A. Funari, que, a partir de um amplo levantamento bibliográfico, discute o papel econômico das cidades na antiguidade. Os autores argumentam, com base na historiografia, que as cidades antigas tinham um papel econômico mais complexo do que aquele caracterizado como de “consumidora”. Essa perspectiva se baseia nos estudos arqueológicos, que durante algum tempo foram negligenciados na área. Os estudos arqueológicos, defendem Duprat e Funari, apresentam um cenário mais complexo das atividades econômicas, no qual as cidades desempenham papel mais ativo e diverso. O artigo encerra o dossiê demonstrando a diversidade de leituras sobre a economia antiga nos mais diferentes assuntos e a necessidade de constantemente agregar à análise diferentes tipos de fontes, metodologias e teorias para a construção do objeto de pesquisa.

Portanto, convidamos os estudiosos e estudiosas do Mundo Antigo e das áreas interdisciplinares, bem como o público geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos textos que compõem este dossiê da *LaborHistórico*. Concluímos expressando nossos mais sinceros cumprimentos e agradecimentos aos editores da Revista que nos fizeram o convite, a todas as equipes envolvidas nesse trabalho e aos autores e autoras que nos brindaram com seus textos.

Deivid Valério Gaia (Professor de História Antiga – UFRJ)
Fabiana Martins Nascimento (Doutoranda do PPGHC – UFRJ)

Organizadores do dossiê

Compõem também este número da *LaborHistórico* cinco artigos submetidos para a seção Varia e dois trabalhos da seção Fontes Primárias.

A seção Varia está organizada da seguinte forma:

- (I) “Lingua, identidade e sanción social: a ocultación da galegidade na Idade Moderna”, de autoria de Alexandre Peres Vigo;
- (II) “Tabu linguístico de decência sob o viés sócio histórico: o campo semântico das relações extraconjugais e extraoficiais na história da língua portuguesa”, de autoria de Daniel Abud Marques Robbin;
- (III) “Linguística Histórica, Pragmática Histórica e Ensino: reflexões sobre os paradigmas vós e vocês como formas de tratamento”, de autoria de Marcela Faria;
- (IV) “‘A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo’ de António Feliciano de Castilho: alguns apontamentos sobre o léxico e seu confronto com ‘Os Lusíadas’ de Camões”, de autoria de José Barbosa Machado; e
- (V) “Estatuto de <y> nos antropónimos brasileiros”, de autoria de Graça Rio-Torto.

Já a seção Fontes Primárias traz o trabalho de Raul Antero Macedo da Fonseca, intitulado “Livro dos Pensamentos ou Meditações do pseudo-Bernardo: edição semipaleográfica de parte do cód. alc. 200, com notas e referências a outros testemunhos da tradição ibero-românica”, e o trabalho de Filipe de Sousa Miranda, de Magda Nazaré Pereira da Costa e de Jainara Priscila de Sousa Souza, intitulado “Autos Crimes de Tumulto: justiça partidária e disputa política entre “Liberais” e “Conservadores” na Cidade de Bragança-Pará, em 1880”.

Votos de boas leituras!

Marcus Dores e Célia Lopes

Organizadores / Editores-chefes da *LaborHistórico*